

# Alerta permite atendimento rápido

Dida Sampaio

Dois minutos. Esse foi o tempo necessário para que um paciente com ataque cardíaco recebesse atendimento de cinco profissionais da saúde no pronto-socorro do Hospital de Base. Ao som de uma sirene, todos ficam alerta e a imagem de uma maca sendo empurrada rapidamente faz com que as recepcionistas abram imediatamente as portas de ligação entre o setor de transportados e a cardiologia. Ao contrário do que se imagina — apesar da pressa —, os profissionais agem com calma e não gritam uns com os outros, conforme a féicao prega.

Porém, nem todos os pacientes são atendidos com essa presteza e as reclamações continuam presentes no dia-a-dia do pronto-socorro do Hospital de Base (HBDF). "Eu já perdi a noção de quanto tempo estou esperando aqui", afirmou a comerciante Margarida Mzica, residente no Guará. Ela destroncou o pé e chegou por volta de 15h00, sendo liberada às 17h05, após fazer radiografia do pé e colocar uma bota de gesso. A maior parte do tempo, Margarida ficou na fila de espera do Raio-X. "Só podia ser assim, pois lá dentro tem apenas um aparelho funcionando", completou.

A dona-de-casa Maria Aparecida da Silva, residente na Asa Sul, também não gostou do tratamento dispensado pelos médicos que atenderam sua amiga Maria dos Anjos que caiu de uma escada e torceu o pé. "O médico foi muito estúpido. Queria que ela descesse da maca e não levou mais de um minuto examinando-a", contou. Os médicos da ortopedia explicaram que o diagnóstico de entorse leve — condição das duas pacientes — não necessita de muitos exames para ser comprovado.

Ao lembrar que o Hospital de Base é para atendimento de casos mais graves — e por isso excluindo as entorses leves —, o secretário da Saúde, Jofran Frejat, disse que há somente um aparelho de Raio-X no



*Um paciente com ataque cardíaco é atendido em dois minutos*

pronto-socorro, porque estão sendo esperados outros equipamentos. No total, o HBDF dispõe de dez aparelhos de Raio-X. "Não adianta colocar no pronto-socorro equipamentos que não vão ficar lá. Quando os definitivos chegarem será preciso fazer outra obra", argumentou.

Embora pulando em um pé — o

outro foi engessado por causa de uma torção —, o funcionário público Jones Paz Júnior saiu satisfeito do hospital. Em menos de uma hora, ele foi atendido, fez uma chapa do pé e colocou o gesso. "Em relação ao que era, isso aqui está muito bom", justificou, acrescentando que torceu o pé jogando futebol de salão. (L.D)